



O OUTONO DO PATRIARCA E O NOVO ROMANCE HISTÓRICO

TORRE, Michelle (PG-UFMG)
michellemctorre@yahoo.com.br*

RESUMO: O artigo propõe pensar o romance *O outono do patriarca*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez (1975) com base nas contribuições teóricas do uruguaio Fernando Aínsa sobre o novo romance histórico hispano-americano. Busca-se demonstrar como esse romance de García Márquez pode ser pensado como um novo romance histórico, apoiando-se nas categorias propostas por Fernando Aínsa. Para isso, utiliza-se o artigo do crítico uruguaio intitulado "La nueva novela histórica", no qual são lançadas as características do novo romance histórico. Para ele, o novo romance empreende uma releitura do passado histórico e tem como uma de suas principais características o uso da paródia, que ao desconstruir personagens históricos, os humaniza novamente. A partir dessas considerações, o presente artigo demonstra a presença das características do novo romance histórico, segundo Aínsa, em *O outono do patriarca*. O trabalho também analisa a desconstrução da imagem do patriarca, protagonista da obra, com base nos conceitos de ironia e de sátira, além das considerações de Mikhail Bakhtin sobre as imagens do "baixo" material e corporal, associadas ao rebaixamento. Nesse sentido, percebe-se que *O outono do patriarca* não apenas relê o passado, mas reflete sobre as problemáticas contemporâneas à sua produção, trazendo uma multiplicidade de perspectivas sobre o patriarca e a história do país representado no romance. Assim, a obra elimina a distância entre a história passada e o presente, pois estabelece um diálogo entre dois tempos.

PALAVRAS-CHAVE: romance; história; O outono do patriarca.

EL OTOÑO DEL PATRIARCA Y LA NUEVA NOVELA HISTÓRICA

RESUMEN: El artículo se propone a pensar la novela *El otoño del patriarca*, del escritor colombiano Gabriel García Márquez (1975) apoyándose en las contribuciones teóricas del uruguayo Fernando Aínsa acerca de la nueva novela histórica hispanoamericana. Procura-se demostrar como esa novela de García Márquez puede ser pensada como una nueva novela histórica, apoyándose en las categorías propuestas por Fernando Aínsa. Para ello, se utiliza el artículo del crítico

uruguayo intitulado “La nueva novela histórica”, en lo cual son lanzadas las características de la nueva novela histórica. Para él, la nueva novela emprende una relectura del pasado histórico y tiene como una de sus principales características el uso de la parodia, que al deconstruir personajes históricos, los humaniza nuevamente. A partir de esas consideraciones, el presente artículo presenta la presencia de las características de la nueva novela histórica, según Aínsa, en *El otoño del patriarca*. El trabajo también analiza la deconstrucción de la imagen del patriarca, protagonista de la obra, apoyándose en los conceptos de ironía y de sátira, además de las consideraciones de Mikhail Bakhtin acerca de las imágenes del “bajo” material y corporal, asociadas al rebajamiento. En ese sentido, se percibe que *El otoño del patriarca* no sólo relee el pasado, sino también piensa acerca de las problemáticas contemporáneas a su producción, trayendo una multiplicidad de perspectivas acerca del patriarca y la historia del país representado en la novela. Así, la obra elimina la distancia entre la historia pasada y el presente, pues establece un diálogo entre dos tiempos.

PALABRAS-CLAVE: novela; historia; El otoño del patriarca.

INTRODUÇÃO

O processo de construção do conhecimento histórico se dá pela relação do historiador com o fato histórico, com o passado. Mas o passado que chega até nós é o resultado de inúmeras interpretações, conceituações e construções. Assim, é sobre esse passado, na qualidade de conhecimento, que se debruça o historiador, e por que não dizer também o ficcionista, para construir suas interpretações.

Para Marc Bloch, um dos fundadores da Escola dos Annales, a História é uma construção e essa ocorre a partir do presente, que levanta questões problematizando o passado. É a partir do olhar do presente e de suas problemáticas que o passado é pensado e reconstruído com o apoio de conceitos, gerando novas interpretações. Diante disso, tem-se que o passado conhecido é uma construção baseada em interpretações ocorridas ao longo dos anos e sobre as quais serão realizadas outras a partir das novas questões que surgirão.

Tal como a História, a Literatura também relê o passado a partir dos questionamentos de uma época. O olhar do presente também pode ser detectado na leitura que um escritor realiza de um dado momento. E a Literatura, ao apropriar-se do discurso histórico se depara com interpretações e conceituações impregnadas ao longo do processo de sua constituição. Pensando numa aproximação da Literatura com a História, nas três últimas décadas do século XX os escritores latino-americanos passaram a se interessar cada vez mais pela história da América Latina. Desse modo, o discurso histórico se transforma, muitas vezes, em alvo de paródia

por parte dos escritores que o subvertem como uma forma de reler o passado, de uma maneira crítica e renovada.

O escritor e crítico uruguaio Fernando Aínsa, em 1991, no artigo intitulado “La nueva novela histórica”, lança as características do novo romance histórico. Para ele, o novo romance realiza uma releitura do passado histórico suprimindo as lacunas e deficiências da historiografia e dando voz ao que foi silenciado por ela. O novo romance, ao trazer uma multiplicidade de perspectivas, confronta diferentes interpretações. Também abole a distância épica (conceito bakhtiniano) existente nos romances anteriores, o que permite uma aproximação com o passado, propiciando um diálogo entre esse e o presente.

Segundo Fernando Aínsa (1991), o uso de recursos literários como o emprego da primeira pessoa, o monólogo interior e diálogos familiares sobre as intimidades de personagens históricos abolem a distância entre o passado histórico e o presente, nos novos romances históricos. Ao mesmo tempo em que opera essa aproximação, o novo romance também se distancia da historiografia dita oficial, pois degrada mitos e personagens nacionais, pela paródia e pela ironia, beirando à hipérbole e ao grotesco. Há também a superposição de tempos históricos, gerando anacronismos, além dos escritores se apoiarem ou não em documentação histórica e em pesquisas históricas para a construção do romance, fazendo usos variados dessas. Das releituras do passado surgem escrituras paródicas com novos sentidos e novas visões. Por fim, a linguagem se torna fundamental no novo romance histórico, acompanhando a empreitada dessa releitura que dessacraliza a história.

Fernando Aínsa destaca que a paródia talvez seja a chave que sintetize o novo romance histórico, pois o humor e o grotesco permitem recuperar a esquecida condição humana. A paródia, ao desconstruir personagens históricos, humaniza esses novamente. Assim, comenta o crítico uruguaio, a característica mais importante do novo romance histórico produzido na América Latina é “*buscar entre las ruinas de una historia dismantelada al individuo perdido detrás de los acontecimientos, descubrir y ensalzar al ser humano en su dimensión más auténtica, aunque parezca inventado, aunque en definitiva lo sea*” (AÍNSA, 1991, p.85).

O OUTONO DO PATRIARCA: NOVO ROMANCE HISTÓRICO?

Outro estudioso do novo romance histórico é Seymour Menton que define o romance histórico latino-americano na obra *La Nueva Novela Histórica de la*

América Latina, 1979-1992. Para Seymour Menton (1993), o romance histórico é aquele cuja ação se desenrola em grande parte no passado, sendo esse um passado não experimentado pelo autor. Nessa obra, Seymour Menton analisa 367 produções latino-americanas que considera como integrantes do novo romance histórico latino-americano. Como traços característicos desse novo romance histórico, o autor considera a subordinação da reprodução mimética de certo período histórico à apresentação de ideias filosóficas; a distorção consciente da história através de omissões, exageros e anacronismos; a ficcionalização de personagens históricos; a inclusão de comentários do narrador sobre o processo de criação; a intertextualidade; e os conceitos bakhtinianos como a multiplicidade de discursos. Pensando na perspectiva de Seymour Menton, o romance *O Outono do Patriarca*, apesar de apresentar alguns dos traços distinguidos acima, não é enumerado pelo autor no rol dos novos romances históricos, porque ainda que a ação transcorra no passado esse é um passado que foi vivido pelo autor. Mas, ao se pensar conforme as categorias elencadas por Fernando Aínsa, abre-se uma possibilidade de leitura de *O outono do patriarca* enquanto um dos novos romances históricos. Nesse sentido, o presente artigo defende que mesmo que o escritor colombiano tenha produzido a obra inserido no contexto das ditaduras militares, o romance não trata apenas do período vivido por ele, pois a obra é atravessada pela história da América Latina desde a chegada dos espanhóis. Além disso, ela se configura como uma reflexão sobre o passado histórico do continente a partir de uma problemática do presente do escritor naquele momento. Desse modo, pretende-se demonstrar que as categorias lançadas por Fernando Aínsa, que auxiliam na caracterização do novo romance histórico, podem ser detectadas em *O outono do patriarca*. Mas, antes de iniciar tal análise, é necessário que se conheça, mesmo que superficialmente, a história do romance.

O outono do patriarca, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, publicado em 1975, conta a história de um ditador muito velho, já em seu “outono”, que governa um país localizado na região do Caribe. O ditador, denominado de patriarca, é um homem autoritário e rude que governa o país há décadas e, quando morre de morte natural, sua idade é indefinida - entre 107 e 232 anos. Ao longo de seu envelhecimento, o tirano sofre com a perda de sua memória. Para lidar com esse fato, escreve frases em rolinhos de papel e esconde-os nas frestas das paredes do palácio presidencial. Tanto o nome do país quanto o nome do ditador não são mencionados no romance, assim como também não se tem uma definição do tempo em que ocorre a história.

O país governado pelo patriarca sofre com a dependência de potências estrangeiras, que estabelecem acordos com o propósito de implantarem relações econômicas que aumentem cada vez mais a sua dominação. Um episódio marcante no romance é a venda do mar para um país estrangeiro, traduzido pela imagem do deslocamento do oceano em peças numeradas e transpostas pelos engenheiros náuticos para o Arizona.

A casa do poder, o palácio presidencial, onde governa e vive o patriarca, é ocupado por vacas, que mordiscam móveis e tapetes, e por galinhas, que põem ovos nas gavetas dos arquivos. Leprosos, cegos e paralíticos vivem em seus jardins. O patriarca governa em meio ao alvoroço de pássaros espalhados em gaiolas pelo palácio.

O outono do patriarca traça um panorama histórico da América Latina, abarcando a história do continente desde a chegada das caravelas de Colombo. O patriarca, protagonista do romance, testemunha toda essa história: as guerras empreendidas pelos caudilhos, as disputas entre liberais e conservadores, o imperialismo das potências estrangeiras, as ditaduras implantadas no continente. Desse modo, vários episódios da história latino-americana ocorrem durante o governo do patriarca, naquela região geográfica, num tempo que não é definido, pois as datas, apesar de trazerem o dia e o mês, ocultam o ano.

Na obra *Cheiro de goiaba*, Gabriel García Márquez relata, a respeito de *O outono do patriarca*, que sua “intenção sempre foi a de fazer uma síntese de todos os ditadores latino-americanos, em especial do Mar das Antilhas” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2007, p. 90). O escritor também relata, na mesma obra, que leu inúmeras biografias de ditadores latino-americanos que dominaram os países do continente desde as independências. Há também vários trabalhos críticos sobre *O outono do patriarca* que apontam a presença da história latino-americana nessa obra.

No romance identificam-se referências ao imperialismo europeu e norte-americano no continente, a presença dos caudilhos, personagens que disputaram o domínio da América fragmentando-a, e dos vários ditadores que dominaram a América Latina desde o século XIX ao XX. A chegada dos colonizadores europeus e a invasão dos fuzileiros navais, o caudilhismo, o populismo, os golpes e as ditaduras, são alguns dos pontos que atravessam esse romance.

O outono do patriarca pode ser considerado um exemplar do novo romance histórico, segundo Fernando Aínsa, apenas por reler o passado? É importante destacar que esse romance de García Márquez discute a questão do poder autoritário no momento em que muitos países da América Latina estavam sob go-

vernos ditatoriais. A reflexão presente no livro é a de que a América Latina, desde as independências, esteve sob esse tipo de governo, que chega ao ápice com as ditaduras militares do século XX. Ainda, ao utilizar um recurso narrativo que possibilita a entrada de várias vozes na narração do romance, colocando em evidência vozes de diferentes personagens e grupos que relatam, sob pontos de vista diferentes, histórias da pátria e de seu ditador, o romance abre a possibilidade de entendê-lo como uma luta pelo direito de se construir outras histórias, diferentes da oficial.

O outono do patriarca não apenas relê o passado refletindo sobre as problemáticas contemporâneas à sua produção, ele dá voz ao que foi silenciado pela história, trazendo uma multiplicidade de perspectivas sobre o patriarca e a história do país representado no romance, refletindo sobre a condição da América Latina. A obra também abole a distância entre a história passada e o presente, pois discute em seu diálogo com o passado o momento presente. Outra característica descrita por Aínsa e existente nessa obra é o emprego da primeira pessoa. O romance é escrito pela perspectiva do ditador que se expressa pela primeira pessoa, declarando suas fraquezas, seus desejos e suas intimidades, colocando em foco a sua personalidade. Embora o ditador do romance seja fictício, ele representa os vários ditadores da América Latina, trazendo características de vários deles, e a forma como o autor rebaixa o patriarca também pode ser compreendida como uma degradação dos ditadores históricos.

IRONIA E SÁTIRA EM O OUTONO DO PATRIARCA

Pensando a degradação do personagem patriarca, representando vários ditadores latino-americanos, observa-se que o narrador desse romance, possui uma voz provocante e irônica que parece se direcionar ao patriarca e ao leitor. Utilizando o narrador e outras vozes discursivas, *O outono do patriarca* torna-se irônico e satírico. A ironia e a sátira são empregadas para desconstruir a imagem do patriarca.

A referência à ironia propicia a reflexão sobre algumas considerações, com base em Linda Hutcheon (1989). Para a ensaísta, a ironia é mais que um fenômeno semântico, abrangendo ainda um valor pragmático. A ironia funciona como um contraste semântico entre o que se afirma e o que significa, mas também – e em nível pragmático – ela julga, avalia. Para Henri Bergson, a ironia deriva da

transposição da palavra e trata da enunciação daquilo “que deveria ser fingindo-se acreditar ser precisamente o que é” (BERGSON, 1980, p.68).

É assim que o narrador de *O outono do patriarca*, em certos momentos, tece a narrativa a respeito do ditador e de seu poder, dizendo o contrário do que ele quer que o leitor entenda, assim como julgando e avaliando as ações do patriarca. Em várias passagens, o narrador relata que era a existência do patriarca que garantia a continuação do curso das vidas das pessoas e da pátria, pois só ele era capaz de decidir sobre o destino de todos, como no trecho a seguir:

[...] na Praça de Armas só percebemos a imagem efêmera de sempre, o presságio de um ancião inacessível vestido de linho que impôs uma silenciosa bênção da sacada presidencial e desapareceu imediatamente, mas aquela visão fugaz nos bastava para sustentar a confiança de que ele estava ali, velando nossa vigília e nosso sonho [...], ligado aos cursos de nossas vidas, pois a única coisa que nos dava segurança era a certeza de que ele estava ali, invulnerável à peste e ao ciclone, invulnerável à burla de Manuela Sánchez, invulnerável ao tempo, consagrado à bem-aventurança messiânica de pensar por nós, sabendo que nós sabíamos que ele não havia de tomar por nós nenhuma determinação que não nos coubesse, pois ele não havia sobrevivido a tudo por seu valor inconcebível nem por sua infinita prudência mas porque era o único de nós que conhecia o tamanho real do nosso destino [...]
(GARCÍA MÁRQUEZ, 1993, p.100-101).

Verifica-se o emprego da ironia nesse trecho citado acima, pois ao dizer que o ditador possui uma missão messiânica de pensar por todos e de guiá-los, o narrador quer que o leitor entenda o quão despótico é o governo do patriarca. Ainda, ao comentar que o patriarca velava a vigília e o sonho, assim como pensava por todos, o narrador quer denunciar a invasão das formas de censura aplicadas às sociedades sob regimes militares, nas quais não há privacidade que não será violada. Ao dizer que o tirano havia sobrevivido a enfermidades, a fenômenos naturais e mesmo ao passar dos anos, o narrador explicita a longa duração do regime desses governantes, que resistem a várias adversidades, de toda natureza, mantendo-se no poder.

Há outros momentos, no romance, em que o narrador desconstrói a imagem do patriarca, utilizando-se da sátira. O emprego desse recurso é mais uma forma de demonstrar um descontentamento em relação ao regime imposto àquele país. No entanto, é preciso explicar o que se entende por sátira antes de iniciarem-se os comentários. Matthew Hodgart considera a sátira como “o processo de atacar

mediante o ridículo por qualquer meio de expressão” (HODGART, 1969, p. 7). Para Northrop Frye (1973), a sátira ataca com o intuito de modificar uma opinião, seja ela política, filosófica ou religiosa. Linda Hutcheon explica que a sátira implica em julgamento de valor e faz uma afirmação negativa sobre o alvo que está sendo satirizado, distorcendo-o, depreciando-o e ferindo-o.

A sátira em *O outono do patriarca* está direcionada ao patriarca, que é ridicularizado e convertido a um homem vulgar e asqueroso. Essa depreciação do tirano pode ser observada pela associação que o narrador faz entre o ditador e os animais. Assim, o patriarca é despojado de sua posição elevada. O narrador ridiculariza o tirano e leva o leitor a modificar a imagem que possui dele como um homem poderoso. O trecho a seguir descreve o patriarca ao despertar pela manhã: “levantou-se do chão com aquela enorme e árdua manobra de boi de primeiro as ancas e depois as patas dianteiras e por último a cabeça aturdida com um fio de baba no belfo (*sic*)” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1993, p. 195). No momento do aprofundamento da velhice do patriarca, a ele são atribuídas “as virtudes senis das tartarugas e os hábitos dos elefantes” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1993, p. 122). O narrador também descreve o caminhar do ditador dizendo que ele arrastava grandes patas. Os pés do patriarca são “enormes, quadrados e planos com unhas cascalhosas (*sic*) e retorcidas de gavião” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1993, p. 48).

O narrador satiriza seu alvo formando uma imagem repugnante do tirano. Do patriarca escorre um “fio manso de sua baba de boi” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1993, p. 157), seus olhos são como os de uma iguana e, durante o ato sexual, o tirano produz um ruído como um “chorinho de cão” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1993, p. 51). Além desses atributos que animalizam o ditador, o narrador também degrada a sua imagem ao dizer que o patriarca possui uma hérnia descomunal no testículo. Essa hérnia era tão grande que, segundo o narrador, se dizia que no inverno ele “só podia caminhar com a ajuda de uma carreta ortopédica na qual levava o testículo herniado (*sic*)” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1993, p. 45). Desse modo, constata-se que o emprego da sátira pelo narrador visa a despojar o ditador de sua posição elevada, rebaixando e degradando a sua imagem, bem como buscando modificar a opinião que o leitor formará a respeito desse tirano.

A degradação e o rebaixamento sofridos pelo patriarca também podem ser analisados à luz das considerações de Mikhail Bakhtin sobre a obra de Rabelais. As imagens formadas pelo narrador a respeito do patriarca podem gerar o riso dos leitores, e o riso, segundo Bakhtin (2008), abarca um elemento de vitória sobre o temor inspirado por todas as formas de poder – terreno ou do além –, por soberanos, religiosos, aristocratas, e por todas as formas de opressão. Ainda de acordo

com o crítico russo, as imagens do “baixo” material e corporal, como os excrementos e a exageração de órgãos genitais, são formas associadas ao rebaixamento. A aproximação ao “baixo” corporal pode também ser relacionada à destruição daquele que foi rebaixado, mas não se deve esquecer que os gestos e expressões dessa natureza, que visam degradar, são ambivalentes, pois os órgãos genitais e os excrementos também fecundam. Assim, em Rabelais, comenta Bakhtin, os excrementos são, ao mesmo tempo, uma matéria “rebaixadora” e alegre, colocando, lado a lado, tumulto e nascimento. O corpo fornece excrementos à terra durante a vida adubando-a, assim como fará o corpo morto. Mas essa matéria em Rabelais é tratada de forma alegre, ligada à renovação e à vitória sobre o medo.

Em *O outono do patriarca* há várias passagens que se referem a excrementos. Logo no início do romance, quando o corpo do patriarca é encontrado no palácio presidencial, o narrador descreve que o lugar estava ocupado por vacas, que tinham destruído vários objetos, os quais estavam entre suas “plastas recentes de bosta” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1993, p. 7). O ditador, quando vivo, mantinha vacas no estábulo da casa presidencial, ordenhando-as durante o dia e botando fogo em suas “bostas” antes de dormir. A recorrência à imagem do palácio com vacas e seus excrementos, associa a imagem do patriarca e do poder a esse “baixo” material e corporal de que fala Bakhtin, provocando um rebaixamento tanto do ditador quanto de seu governo. Assim, ao degradar e rebaixar o tirano, associando-o aos excrementos, o narrador combate sua forma despótica de governo através do riso.

MAIS ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO NOVO ROMANCE HISTÓRICO NA OBRA DE GARCÍA MÁRQUEZ

Seguindo as características propostas por Aínsa, também se verifica em *O outono do patriarca* a existência de anacronismos, que são empregados nessa obra como uma forma de reflexão sobre a história do continente latino-americano. A imagem, ao final do primeiro capítulo, das três caravelas de Colombo, juntamente com o encouraçado dos fuzileiros navais abandonados no mar do Caribe, é emblemática para se pensar a questão da pátria e da história do continente latino-americano. As caravelas representam a colonização do continente pelas potências europeias, a partir do século XV, enquanto o encouraçado marca a presença das intervenções e ocupações norte-americanas, que se iniciam já no século XIX, e que podem ser apreendidas como outra forma de “colonizar” o continente. Assim, a

partir dessa imagem pode-se inferir que o presente lembra o passado, o que também ajuda a pensar o futuro. Desse modo, o futuro que se projeta para a pátria do romance, a partir dessa imagem, é o de uma “colonização”, disfarçada sob outras formas, que se estenderá na história do continente ainda por muitos anos. O anacronismo também pode ser verificado na idade do patriarca, entre 107 e 232 anos, e em como esse personagem vive grande parte da história do continente.

A releitura do repertório de fatos históricos latino-americanos em *O outono do patriarca* foi realizada de forma subversiva à história oficial. E como Fernando Aínsa detecta na paródia a chave que sintetiza o novo romance histórico, neste momento este estudo tratará dela. Ressalte-se que a paródia é entendida neste trabalho como uma maneira crítica que “tem a vantagem de ser simultaneamente uma recriação e uma criação, fazendo da crítica uma espécie de exploração da forma” (HUTCHEON, 1989, p. 70).

A bibliografia crítica aponta a presença da paródia em *O outono do patriarca*. No ensaio “El Patriarca de García Márquez: padre, poeta y tirano”, Martha Canfield detecta a presença da paródia nessa obra de García Márquez. A ensaísta aponta as paródias que se referem a Rubén Darío e a Cristóvão Colombo. Em sua dissertação de mestrado, intitulada *Paródia e carnavalização no El otoño del patriarca*, Franklin Larubia Valverde compara obras da cultura ocidental, como a *Bíblia* e o *Diário de Colombo* com o romance de García Márquez, demonstrando como o colombiano parodiou tais obras.

É importante ressaltar que os acontecimentos históricos recriados tratam de diversos países do continente e não apenas os da América Central. A paródia desses acontecimentos beira ao grotesco, como por exemplo, a questão da repressão, da tortura e das mortes perpetradas pelo personagem Sáenz de la Barra, que evocam as ditaduras militares do século XX. Quando o patriarca adquire uma cadeira elétrica para execução de presos políticos, ao utilizá-la toda a cidade sofre com a queda de energia, assim, já se sabia que alguém naquele momento estava sendo executado. Antes da aquisição desse instrumento, os presos eram atirados aos crocodilos famintos ou esquartejados tal como foram Tiradentes e Túpac Amaru, que tiveram partes de seus corpos enviadas a diferentes cidades. No romance do colombiano, as vítimas da tirania do ditador são esquartejadas e as partes de seus corpos espalhadas pelo país, porém essas partes antes são fritas em gordura de porco.

Quando a mãe do patriarca, Bendición Alvarado, devotada pelas massas incultas, morre, ele tenta canonizá-la, o que alude ao populismo e traz à memória Perón e Evita, como lembra Martha Canfield. Mas o corpo da mãe do patriarca está

padre e a sua santidade fora forjada pelo aparato governamental. O religioso encarregado da canonização descobre que, para fundamentar a santidade de Bendición Alvarado, pessoas do povo tinham sido pagas para testemunharem os milagres.

Características de governantes como Juan Vicente Gómez, na Venezuela e Trujillo na República Dominicana, também podem ser detectadas no romance. O primeiro foi um velho patriarca de origem rural, que governou o país por cerca de trinta anos e que gostava de brigas de galo e de fazer a sesta deitado numa rede, como explica o próprio García Márquez em *Cheiro de goiaba*. Podem-se verificar tais características no ditador fictício. Vicente Gómez também fazia anunciar a sua morte e depois ressuscitava, assim como ocorre no romance quando da morte do sócio do patriarca. Já o ditador da República Dominicana tem a sua obsessão pela limpeza das ruas, o que foi recriado, em forma de paródia, em *O outono do patriarca*. Na obra, são criadas as escolas que ensinam a varrer. As alunas se tornam tão fanáticas que, após varrerem as ruas, passam a varrer as estradas e vão acumulando montes de lixo que são levados de uma província a outra.

Graciela Palau de Nemes no ensaio “Gabriel García Márquez, El otoño del patriarca” estudou os pontos de contato do romance com a era Trujillo e ressaltou, dentre eles, a nomeação do filho do patriarca como general de divisão. O filho de Trujillo, desde o nascimento, passa a sustentar graduações militares. Além disso, a cidade de Santo Domingo também é destruída por um furacão em 1930, às vésperas da ascensão do ditador ao poder. No romance, o país do patriarca sofre com um ciclone que causa grandes destruições. Além desses elementos identificados no romance como inspirados na era Trujillo, registram-se, em *O outono do patriarca*, outros episódios ocorridos na República Dominicana, como catástrofes naturais, bem como a passagem do cometa Hailey pelos céus da Nova Espanha em 1681 e um eclipse em 1504, do qual se serve Colombo para enganar aos indígenas e conseguir provisões.

Assim, episódios e personagens históricos da América Latina são parodiados na obra de García Márquez, que recria o passado de forma crítica, ao inserir na história do romance diversos elementos que formam, como diversos retalhos, um ditador e a história de um país. No ditador do romance podem ser apreendidas diversas características de ditadores latino-americanos, e García Márquez, ao recorrer à ironia e à sátira, através da voz do narrador, está parodiando e rebaixando todos esses ditadores encarnados no “patriarca”. A história do país representado no romance engloba diferentes momentos e episódios históricos vividos pelo continente, assim, não é de um país específico ou de certa região que trata *O outono do patriarca*, embora alguns críticos defendam que o romance trate da América

Central. A história do continente latino-americano aparece na obra de forma muitas vezes anacrônica e exagerada, o que dá à paródia um tom às vezes grotesco, mas que deixa transparecer a forte crítica do autor à maneira como a América Latina vem sendo conduzida.

CONSIDERAÇÕES

A partir do que foi exposto, pode-se afirmar que *O outono do patriarca*, embora não figure no rol dos novos romances históricos enumerados por Seymour Menton, pode ser considerado como um novo romance histórico tomando-se como categorias de análise as características desse tipo de romance propostas por Fernando Aínsa. Gabriel García Márquez faz uma releitura da história do continente latino-americano, desde a chegada de Colombo até a implantação das ditaduras militares do século XX, e sua obra estabelece um diálogo entre o passado e o presente, pois discute uma problemática contemporânea ao seu contexto de produção. Dessa forma, mesmo que o romance abranja o momento vivido pelo autor da obra, este artigo defende que ele pode ser considerado como um novo romance histórico, pois são detectadas as características propostas por Fernando Aínsa. Além disso, a obra reflete sobre a história do continente latino-americano desde o século XV, mas com um olhar que questiona o passado a partir do presente, reescrevendo a história, demonstrando que há outras histórias possíveis.

Desse modo, mesmo que a obra recorra a episódios da história da América Latina de forma anacrônica, bem como apresente um ditador, que é fruto de retalhos de diversos ditadores latino-americanos, *O outono do patriarca* é um romance histórico, possuindo as características desse novo romance, conforme Fernando Aínsa, pois recria a história do continente latino-americano, de maneira crítica, utilizando-se de diversos recursos como a ironia e a sátira.

NOTAS

* Mestre em Letras: Estudos Literários pela UFMG.

REFERÊNCIAS

ALFARO, Gustavo. La nave del imperialismo en El otoño del patriarca. *Éco Revista de cultura del occidente*, Bogotá, n. 195, p.325-334, jan. 1978.

- AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica Latinoamericana. *Revista Plural*, México, n. 240, p. 82-85, 1991.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.
- BERGSON, Henri. *O riso*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa, Publicação Europa-América, s/d.
- BRICHTA, Laila. *As histórias nas páginas de um romance: análise da representação de ditadura na obra El otoño del patriarca*. 2002. 118 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- CANFIELD, Martha. El Patriarca de García Márquez: padre, poeta y tirano. *Revista Iberoamericana*, n. 128-129, p. 1017-1056, 1984.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense, 1982.
- COELHO, Haydée Ribeiro. *Retórica da ficção e do nacionalismo em Triste fim de Policarpo Quaresma: a construção narrativa de Lima Barreto*. 1981. 100 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cheiro de goiaba* conversas com Plínio Apuleyo Mendonza. Tradução de Eliane Zagury. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *O outono do patriarca*. Tradução de Remy Gorga, Filho. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- HODGART, Matthew. *La sátira*. Tradução de Ángel Gullén. Madri: Guadarrama, 1969.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- MENTON, Seymour. *La Nueva Novela Histórica de la América Latina, 1979 - 1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- NAVARRO, Márcia Hoppe. *Romance de um Ditador: Poder e História na América Latina*. São Paulo: Ícone, 1989.
- NEMES, Graciela Palau de. Gabriel García Márquez, El otoño del patriarca. *Hispanérica*, Barcelona, n. 11-12, p.173-183, 1975.

SADER, Eder. *Um rumor de botas: ensaios sobre a militarização do Estado na América Latina*. São Paulo: Editora Polis, 1982.

ÚRAN, Ana Maria Bidegain. *Nacionalismo, militarismo e dominação na América Latina*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1987.

VALVERDE, Franklin Larrubia. *Paródia e carnavalização no El otoño del patriarca 1992*. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras Modernas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

SOBRE A AUTORA:

Michelle Márcia Cobra Torre possui graduação em História/Licenciatura, pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003), graduação em Comunicação Social/Jornalismo, pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008) e mestrado em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2011). Atualmente é Técnica de Nível Superior em Patrimônio Cultural no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.